

BANDEIRANTES: UM IMPRESSO EDUCATIVO, RECREATIVO E PROPAGANDÍSTICO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

BANDEIRANTES: AN EDUCATIONAL, RECREATIONAL AND PROPAGANDISTIC PRINTED IN THE HISTORY OF BRAZILIAN EDUCATION

BANDEIRANTES: UN IMPRESO EDUCATIVO, RECREATIVO Y PROPAGANDÍSTICO EN LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN BRASILEÑA

Alexandra Lima da Silva*

 <https://orcid.org/0000-002-0310-7896>

Daiane Alves de Brito**

 <https://orcid.org/0000-0003-1164-7582>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapécó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, A. L.; BRITO, D. A. *Bandeirantes: um impresso educativo, recreativo e propagandístico na história da educação brasileira*. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 22, p. 1-26, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.4570>

Resumo: O presente artigo analisa o impresso *Bandeirantes*, veículo difusor do movimento bandeirante no Brasil. O referido impresso surgiu, inicialmente como jornal no ano de 1927 e posteriormente, a partir do ano de 1930, passou a ser publicado como revista. Objetiva-se discutir os significados do impresso no que se refere aos sentidos e intencionalidades do mesmo, com especial atenção as dimensões educativas, recreativas e propagandísticas do periódico. O artigo procura indicar a importância do impresso *Bandeirantes* para a História da Educação Brasileira, tendo em vista que a presença do bandeirantismo no Brasil ainda é tema pouco discutido neste campo.

Palavras-chave: Impresso. Bandeirantismo. História da Educação Brasileira.

Abstract: This paper analyzes a printed called *Bandeirantes*, diffuser vehicle of the bandeirante movement in Brazil. The printed *Bandeirantes* appeared, initially like newspaper in the year of 1927 and later, from the year of 1930 began to be published like magazine. It is intended to discuss the meanings of the print with regard to the senses and intentionalities of the same. It is located in the field of History of Brazilian Education, with special attention to the debate on the importance of printed

matter. The article seeks to indicate the importance of the *Bandeirantes* print for the History of Brazilian Education, considering that the presence of bandeirantism is still a subject little discussed in this field.

Keywords: Printed. Girl Scouts. History of Brazilian Education.

Resumen: El presente artículo analiza el impresso *Bandeirantes*, vehículo difusor del movimiento bandeirante en Brasil. El impresso *Bandeirantes* surgió, inicialmente como periódico en el año 1927 y posteriormente, a partir del año 1930 pasó a ser publicado como revista. Se pretende discutir los significados del impresso en lo que se refiere a los sentidos e intencionalidades del mismo. Se sitúa en el campo de la Historia de la Educación Brasileña, con especial atención al debate sobre la importancia de los impresos. El artículo busca indicar la importancia del impresso *Bandeirantes* para la Historia de la Educación Brasileña, teniendo en vista que la presencia del bandeirantismo sigue siendo tema poco discutido en este campo.

Palabras clave: Impreso. Escultismo femenino. Historia de la Educación Brasileña.

Introdução

Um impresso feminino, escrito por mulheres e voltado para elas. Essa foi a imagem projetada pelo periódico *Bandeirantes*. Publicação oficial da Confederação das Bandeirantes do Brasil, a análise do impresso em sua materialidade evidencia um ambicioso projeto de difusão do bandeirantismo no Brasil, tendo como objetivo principal promover a educação feminina por meio de valores como civismo, defesa da pátria e da família. Era um “projeto feminino”, o que não significava uma defesa da emancipação da mulher.

Movimento internacional, o Bandeirantismo deu os primeiros passos no Brasil em 13 de agosto de 1919. Foi “na residência de Lady Mackenzie, então residente no Brasil, que as primeiras bandeirantes patrícias fizeram seu compromisso à Bandeira”. O gesto de fazer juramento junto à Bandeira sela o compromisso e dedicação total à causa bandeirante (*Correio da Manhã*, 13/08/1959, p. 2).

Os festejos de 40 anos de fundação do movimento no país reafirmam os valores e a história do Bandeirantismo, fundado em 1910 pelo britânico Baden-Powell:

O Bandeirantismo, movimento que visa à formação completa das jovens, foi fundado em 1910 por Baden-Powell, com auxílio de sua irmã Agnes. Quatro anos mais tarde, a atual Lady Baden-Powell, já esposa do fundador, começou a se interessar pelo Bandeirantismo. O seu entusiasmo pela nobre causa foi imediatamente reconhecido pelas bandeirantes de todo os países. A sua preocupação em desenvolver o sistema educacional criado por seu esposo era sempre constante (*Correio da Manhã*, 13/08/1959, p. 2).

Robert Stephenson Smith Baden-Powell nasceu na Inglaterra, em 22 de fevereiro de 1857. Foi militar e criador do Escotismo. Fez uso da palavra e das viagens para difundir o Escotismo pelo mundo. Autor de vários livros, dentre os quais *Scouting for boys* (1908), traduzido como *Escotismo para Rapazes* (1975) e *Aids to scouting* (1909), traduzido como *Guia do Chefe Escoteiro* (1982).

Dentre os livros Robert Baden-Powell, destaco a autobiografia *Lições da Escola da Vida* (1981), na qual ele afirma que escreveu sua própria história de vida para motivar e servir de exemplo aos jovens:

Não queria escrever esta história sobre minha pessoa, qualquer autobiografia está fadada a ser repetição egoísta da palavra ‘eu’, porém, muita gente me pediu para contar

minhas aventuras achando que seriam úteis aos jovens, auxiliando-os a dar um sentido a suas vidas (BADEN-POWELL, 1981, p. 5).

Baden-Powell afirma que foi educado em várias oportunidades e maneiras: em casa, na escola, nas viagens, nos esportes. É possível afirmar que ele foi também um incansável viajante, pois visitou países como Índia, Afeganistão, Egito, Austrália, dentre outros países. Faleceu em janeiro de 1941, um mês antes de completar 84 anos.

Dentre as referências sobre Escotismo, é possível mapear estudos sobre o tema em diferentes áreas. No âmbito dos estudos no campo da História da Educação, destaco os trabalhos do pesquisador espanhol José María Hernandez Díaz. O autor explora as relações entre Excursionismo, Escotismo e Educação para a cidadania na Espanha (2011a; 2011b). Merece atenção também, o livro *A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil*, de Jorge Carvalho do Nascimento (NASCIMENTO, 2008).

A preocupação com a psicologia escoteira e o lugar do Escotismo como uma pedagogia do civismo estiveram presentes nas análises de Zuquima e Cytrynowicz (2002). A relação entre Escotismo e civismo foi o foco das análises de Amailson Nascimento, em texto publicado na *Revista Brasileira de História da Educação* (NASCIMENTO, 2014). Por sua vez, Nilson Thomé vislumbra a existência de um projeto educativo extra escolar no interior do Movimento Escoteiro (THOMÉ, 2014). A expansão do Escotismo no Brasil, a partir de análise da revista *Tico-Tico* foi o foco de Vergueiro (2005). Na área de Educação Física, com a preocupação de analisar a educação do corpo a partir do Escotismo (HEROLD JÚNIOR, 2015). Na área de Sociologia, Souza (2010) analisa o pensamento social conservador na modernidade brasileira a partir do Movimento Escoteiro. Na área de Antropologia Social, Coelho (2013) realizou um estudo etnográfico no interior do Movimento Escoteiro no Rio Grande do Sul.

Se Robert Baden-Powell é considerado o “pai” do Escotismo, foi graças às figuras femininas próximas a ele, como a irmã (Agnes Baden-Powell) e a esposa (Lady Baden-Powell), que o movimento das *Girl Guides* (batizado em português como Bandeirantes) se espalhou pelo mundo afora, estando presente em cinco continentes.

Há inúmeros trabalhos sobre *Girl Guides* no exterior, com destaque para aqueles publicados em língua inglesa (HAMPTON, 2011; CHRISTIAN, 1947). No Brasil, o Bandeirantismo foi objeto de estudo em alguns trabalhos acadêmicos em diferentes áreas. Em Antropologia, a dissertação de mestrado de Maria Inez Motta (1988) explorou

o lugar da mulher no Movimento Bandeirante no Brasil. Na área de Ciências Sociais, Samara dos Santos Carvalho analisou o debate sobre a emancipação da mulher no interior da Federação das Bandeirantes (2013) e as relações de gênero no Movimento Bandeirante (2014). Na área de Educação Física, Herold Junior e Vaz (2013) estudaram as representações sobre corpo e educação da mulher na expansão do Escotismo e do Bandeirantismo nas primeiras décadas do século XX.

Foram localizados alguns estudos sobre o bandeirantismo na área de educação. Destaque para o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia de Caroline Wenzel Florindo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho intitulado de “Movimento bandeirante e desenvolvimento moral: uma relação possível?” (FLORINDO, 2011). No campo da história da educação, destaca-se o artigo “Lado a lado: marcas católicas do Bandeirantismo no Brasil” (SILVA, 2017) e o capítulo de livro “Em Correspondência: vozes femininas na revista *Bandeirantes*” (SILVA; BRITO, 2018). Por fim, o artigo “Semper Parata: catolicismo e bandeirantismo no Brasil” analisa a dimensão religiosa presente no Bandeirantismo no Brasil (ORLANDO; SILVA, 2019). Respeitando as contribuições de todos os trabalhos citados, nenhum analisou o impresso *Bandeirantes* como objeto. Quando houve uso de *Bandeirantes*, o periódico foi utilizado apenas como fonte.

No Brasil, dentre as referências sobre impressos e história da educação, destacam-se os estudos de Denice Barbara Catani. Para a referida autora, as revistas de educação e ensino se constituem “uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional enquanto fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional (CATANI, 1996, p. 117).

Outra referência importante para o debate é o livro *Educação em revista. A imprensa periódica e a história da educação*, organizado por Denice Barbara Catani e Maria Helena Camara Bastos, lançado no ano de 1997 e que:

[...] nasceu da necessidade de divulgar pesquisas de estudiosos da História da Educação no Brasil e no exterior, que têm privilegiado como fonte a imprensa pedagógica educacional. Como preocupação de avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, as práticas educativas, a imprensa periódica educacional: feita por professores para professores,

feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições (sindicatos, partidos políticos, associações e Igreja), contém e oferece muitos dados básicos para a compreensão da História da Educação e do Ensino (CATANI; BASTOS, 1997, p. 5).

Ainda no ano de 1997, José Gonçalves Gondra analisou a *Revista Pedagógica*, considerada um veículo de circulação da pedagogia oficial da república. Em 2015, Gondra adentrou no estudo sobre a emergência da imprensa pedagógica na capital do Brasil nos anos de 1877-1878. Por sua vez, Giselle Teixeira (2016), realizou um consistente mapeamento e estudo a respeito da imprensa pedagógica no Rio de Janeiro, do período compreendido entre 1870-1919, com destaque para os periódicos *A Verdadeira Instrução Pública*; *Instrução Nacional*; *Revista de Pedagogia*, *A sentinela da Instrução*; *O Progresso Educador*, dentre outras, totalizando 20 títulos analisados pela pesquisadora.

Em 2013, Hernandez Díaz organizou o livro *Prensa pedagógica y patrimonio histórico educativo*, no qual concebe os periódicos escolares, estudantis e pedagógicos como patrimônio (2013). O autor indica a necessidade de problematização da categoria imprensa pedagógica, uma vez que “representa un capítulo especial y representativo, muy señalado, con profunda y reconocida identidad, que adoptando el formato general de una publicación periódica se proyecta en la información y análisis de contenido educativo y pedagógico (HERNANDEZ DÍAS, 2013, p. 11).

Para além de uma importante fonte para o estudo da História da Educação Brasileira, este trabalho procura analisar os significados do próprio impresso, seus usos e projetos, a partir de um movimento que reconhece a importância dos impressos neste campo.

Bandeirantes: um impresso para a História da Educação

O impresso *Bandeirantes* surgiu com a missão de ser a publicação oficial da Confederação das Bandeirantes do Brasil. Foi criada no Rio de Janeiro no ano 1927, uma iniciativa da professora e pedagoga Maria de Lourdes Lima Rocha e circulou até a década de 1990 (ORLANDO; SILVA, 2019, p. 1501). De acordo com Jorge Carvalho Do Nascimento, “o modelo do periódico foi tomado por empréstimo a revista *The Guider*, editada mensalmente na Inglaterra” (NASCIMENTO, 2008).

A década de 1920 no Brasil foi um período de transformações da sociedade. O país estava no período republicano, já em crise e nos últimos anos da chamada República

Velha. Aconteceu a Semana de Arte Moderna com o objetivo de valorizar a arte brasileira, distanciando-se dos padrões europeus. Assim, potencializou-se ainda mais a movimentação na sociedade nesses anos, sendo colocada em evidência a importância de uma identidade propriamente brasileira. Mundialmente, foi o período entre guerras e da modernização, havendo o crescimento de indústrias e a efervescência de ideias e iniciativas políticas e econômicas que se contrapunham. Na educação a disputa de projetos educacionais ficou acirrada entre católicos e escolanovistas (SANTOS, 2007, p. 4).

Acreditamos que a imprensa periódica nesse período foi um dos espaços formativos e de debate em torno da educação feminina, uma vez que “a imprensa feminina refletiu os anseios femininos e, entre outras funções, exerceu o papel de veículo do ideário moderno.” (CARVALHO, 1995, p. 1)

O impresso *Bandeirantes* insere-se neste contexto com características da imprensa periódica feminina, sendo um impresso que se anunciava como sendo escrito por mulheres e voltada para elas:

Foi uma época de contrastes, onde as mulheres continuavam buscando maior liberdade. Quando acabou aquela 1ª Guerra Mundial, apareceram os modismos, as saias subiram abaixo dos joelhos [...] Era uma capital (Rio de Janeiro) que tentava se modernizar. O bandeirantismo procurava se equilibrar entre os extremos sociais que a sociedade tinha e vivia com respeito à mulher, em seu gênero. (FEDERAÇÃO BANDEIRANTES DO BRASIL, 2008, p. 61).

Não foi possível ter acesso ao exemplar número 1 de *Bandeirantes*. Porém, na análise feita a partir de números das revistas da década de 1940, é possível observar as informações dadas como úteis para conhecimento da mulher sobre educação, serviços domésticos, de saúde e atividades exercidas no movimento.

A partir das matérias, colunas e capas foi possível analisar como o *Bandeirantes* foi um veículo de comunicação relevante para evidenciar os ideais do bandeirantismo, sobretudo, no incentivo para meninas e mulheres a participarem do movimento.

No movimento bandeirante houve um tipo de educação, voltada para meninas e com um fim específico: educar para o civismo. Em diversos artigos foi possível observar a dimensão educativa do impresso. No exemplar de julho do ano de 1946, um artigo do *Bandeirantes* assinado por Maria Luísa de Vasconcellos destacava a educação bandeirante.

A verdadeira educação que devemos dar deve preparar a bandeirante para pensar e agir por si no reconhecimento do que é bom, do que é verdade. [...] A disciplina, a hierarquia bandeirante, são um bem da nossa organização porque se destinam a educar. Educar com o espírito bandeirante é inculcar no caráter dos jovens as 10 leis do código bandeirante e a promessa (BANDEIRANTES, 1946, p. 6).

Não bastava a essas meninas serem chamadas de bandeirantes, era necessário seguir o Código, vestir-se e comportar-se da maneira que as chefes orientassem, com participação em missas e eventos voltados para o próximo. “Não há uma forma única e um único modelo de educação” (BRANDÃO, 1981, p. 7) e o bandeirantismo foi uma forma de educação não escolar voltada exclusivamente para meninas, pautada no escotismo de Baden-Powell.

Havia uma estreita relação entre bandeirantismo e catolicismo. O movimento não se dizia propriamente católico. Entretanto, as práticas e ensinamentos estavam constantemente influenciados pela Igreja Católica:

As chefes bandeirantes foram protagonistas na difusão do bandeirantismo no Brasil, em práticas recheadas de valores morais e de práticas e liturgias da Igreja Católica, num projeto de educação mais amplo, para além da escola, com linguagem voltada para o público feminino, “de mulher para mulher”. É possível afirmar, sem generalizar, que muitas destas mulheres eram católicas praticantes, provenientes de famílias de prestígio social e econômico no período (SILVA, 2017, p. 31).

Nos impressos analisados há diversos artigos que mencionam padres, missas e referências católicas. O exemplar de março do ano de 1945 traz um artigo intitulado de “Diário de um padre bandeirante” assinado pelo Padre Carlos Borromeu. No exemplar de março de 1947 há uma carta do Frei Paulo Tellengen desejando boas férias para as bandeirantes, nela fica evidente o direcionamento para que as meninas não deixassem de lado as práticas domésticas e principalmente as cristãs católicas:

Dedique-se mais à vida de família. O dever de uma boa bandeirante começa em casa. Mostre aos seus que nosso ideal de servir não é uma fórmula abstrata. Viva sobretudo como filha de Deus, desenvolva sua vida interior, continue a frequentar os sacramentos, estas fontes de vida. Leia o evangelho e imprima seu caráter na sua vida” (BANDEIRANTES, 1947, p.3).

O jornal *Correio da manhã* também foi um veículo de comunicação que deu espaço para o bandeirantismo, tendo o movimento como destaque em algumas ocasiões importantes e algumas bandeirantes líderes escreveram para o jornal:

Mulheres como Rosita Sampaio Baiana, Maria José Austregesilo de Athayde, Dame Leslie Whateley, Carmelita Rego, Marisa Woolf Ferreira, Lygia Severo da Costa e Paula Parreiras Horta Laciette, fizeram uso da palavra no periódico *Correio da Manhã* para defender e divulgar os valores do movimento bandeirante (SILVA, 2017, p. 5).

Além da disseminação de ideais e vivência bandeirante, podemos observar a variedade de temas que se relacionavam com o movimento. Porém, apesar dessas diferentes temáticas, todos os assuntos se relacionavam com umas das três vertentes do bandeirantismo: servir a Deus, a Pátria e à família. “As crianças e jovens são a esperança do Brasil, faça um esforço, trabalhe para proporcionar-lhes uma formação dentro do ideal de Deus, da Pátria e do próximo. E esse trabalho será a sua contribuição para a grandeza do Brasil” (BANDEIRANTES, 1947, p. 44).

As bandeirantes seguiam rigorosas regras, e para que essas regras não fossem esquecidas havia um Código das Bandeirantes. Através da obediência e seguimento do mesmo, as meninas e mulheres deveriam viver plenamente o bandeirantismo. O código bandeirante nos anos de 1944 e 1945 aparecia no início ou no fim do exemplar. No ano de 1946 ele foi até mencionado em alguns artigos, porém não apareceu enumerado como nos anos anteriores.

Pelos indícios presentes no periódico, é possível verificar que muitas chefes bandeirantes pertenciam a classe mais favorecida economicamente. Entretanto, havia a preocupação de realizar atividades de assistência às mais vulneráveis socialmente:

Dizer que vimos crianças doentes, malnutridas e abandonadas, casebres miseráveis e falta de higiene, seria ficar na mesma. Mas vimos também a companhia da chefe Ginette: 20 garotas pretinhas e reluzentes em seus uniformes brancos, todas muito cortezes recebendo as bandeirantes lá de baixo. É realmente um grande esforço para uma chefe subir o morro 2 vezes por semana para dar reuniões e instrução. É mais difícil ainda ensinar aquela criançada a ser limpa, e comer bem, a ser cortez e a ajudar o próximo. Mas chefe Ginette tem conseguido tudo isso (BANDEIRANTES, 1945, p. 159).

Havia a divulgação ou mesmo, propaganda das atividades realizadas em morros e favelas no Rio de Janeiro como em outros estados:

Chefe Ginette no Cantagalo, chefe Gildinha no Parque Proletário da Gávea, chefes do Patronato, das Favelas do Rio, da Baía, de São Paulo, do Norte e do Sul, o bandeirantismo ainda é a grande esperança para a reeducação de nosso povo. É uma grande escola para nós, bandeirantes daqui de baixo. Vamos sair dos livros, das teorias e subir o morro mais perto que temos muito que aprender e ajudar (*Revista Bandeirantes*, jun., 1945, p. 159).

No bandeirantismo eram realizadas também algumas ações voltadas para a caridade. Na coluna “Notícias da F.B.B” (Federação Bandeirantes do Brasil) foi divulgada uma ação de natal das bandeirantes do Rio de Janeiro, como distribuições nos morros do Jacarezinho, Mangueira e Telégrafos. Atenção especial para o sentimento de melancolia relacionada à situação de vida daquelas pessoas do morro e de alegria e persistência das “dedicadas” bandeirantes:

É triste uma distribuição de Natal. Parece aquela parábola do rico avarento e o pobre Lázaro. [...]. Uma espécie de satisfação ao dever de caridade. A caridade medo do pecado mortal. [...]. O importante agora é que 50 bandeirantes viram de perto o quanto ainda temos que fazer e que as nossas Boas Ações têm que ser totais, contínuas e não convencional. Que temos que nos dar inteiramente (BANDEIRANTES, 1947).

Cabe ressaltar que no Código das Bandeirantes constava que “A bandeirante ajuda o próximo em todas as ocasiões.” O periódico procurava dar visibilidade ao comportamento desejado em uma bandeirante, que deveria servir aos mais necessitados.

O *Bandeirantes* em formato de revista circulava mensalmente, com colunas especificadas e algumas matérias aleatórias referentes a comemorações ou eventos pontuais. Na análise do periódico dos anos de 1944 a 1947 observou-se que havia colunas que se repetiam. Apenas três colunas apareceram em todos os anos dos exemplares analisados que foram: “Jogos”, “Correspondência – Pergunte a Dona Sabichona” e “Notícias da FBB”, que ganhou essa nomenclatura no ano de 1947. Entretanto, nos anos anteriores já havia uma parte da revista que trazia informações do movimento bandeirante de cada estado, relatórios, informes de reuniões e informações mais direcionadas da

organização. Em 1947 foi reservada a coluna “Notícias da FBB” para concentrar os respectivos tópicos mencionados.

O projeto gráfico das capas da revista é um ponto que chama muita atenção, mesmo que com fotos ainda em preto e branco, havia a preocupação em evidenciar a alegria e a jovialidade da bandeirante uniformizada, como expressam as figuras a seguir:

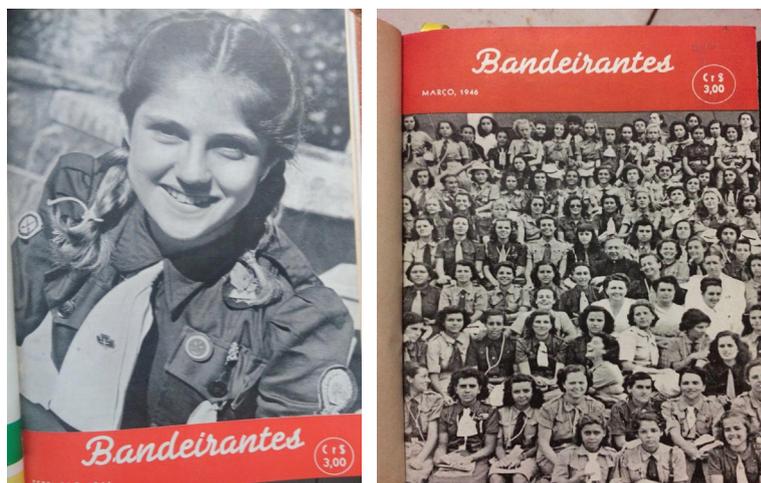


Figura 1 e 2. Capa revista *Bandeirantes*, setembro de 1944 e março de 1946

Os anúncios de início e fim da revista se repetiram em todos os volumes analisados. A companhia aérea Panair e a Livraria Agir Editora alternavam seus anúncios nas páginas iniciais e finais. Nas demais páginas havia outros anunciamentos, porém com menos destaque.

Ter uma companhia aérea como anunciante relacionava-se diretamente com o bandeirantismo porque as viagens eram frequentes e valorizadas pelo movimento. Na coluna “Em Volta do Mundo” aparece a descrição de uma viagem ao México:

A 4ª lei do Código bandeirante diz: “A Bandeirante estima a todos e é irmã para outras bandeirantes. “Para cumprir plenamente essa lei é preciso que nos conheçamos melhor para nos estimarmos sempre mais. Daí a finalidade de muitos dos congressos e conferências bandeirantes que se realizam a miúdo em vários países do mundo” (REVISTA BANDEIRANTES, mar. 1947, p. 12)

Os anúncios da Livraria Agir Editora eram sempre com títulos de livros e seus respectivos valores, como uma forma de indicação de leituras mensais, com destaque para indicação de livros católicos. No volume 191/ julho de 1947 na parte do anúncio dessa editora aparece títulos específicos apresentados como romances para moças. E,

abaixo destes, os livros: *Jesus Cristo e A união com Deus em Cristo*.

As publicações da revista continham informações da realidade do bandeirantismo, as atividades realizadas ou as que ainda viriam a ser, as viagens, notícias de bandeirantes locais e de outras regiões, recados de companhias, colunas específicas para cargos e posições definidas do movimento. A estrutura do *Bandeirantes* foi se modificando no decorrer dos anos, com grande quantidade de anúncios nos exemplares. A revista continha muitos artigos de diferentes temáticas como artes, teatro, jogos, orações e muitos outros. Entretanto, com o passar dos anos alguns desses artigos foram extintos.

No início havia sumário, “agradecemos”, “para ser bandeirante” e “o que fazem as bandeirantes”, e no fim “para ser bandeirante (promessa)”, o código das bandeirantes, além de tabela de preços da seção de uniformes e a colaboração. Essas seções estiveram nos números dos três meses analisados do ano de 1944. Em relação ao sumário, no mês de setembro e outubro estava organizado por tópicos de forma mais clara do que no mês de agosto. Os artigos do *Bandeirantes* apareciam com o devido título e por quem foi assinado. Observando o sumário foi possível identificar que, apesar de o periódico ser escrito por mulheres e destinado às mulheres, os artigos não eram escritos só por mulheres e a própria redação da revista contava com a colaboração de homens, principalmente os religiosos.

No exemplar de setembro de 1947, na coluna “Página da Coruja” quem assinou a matéria foi Murilo Mendes, poeta brasileiro que escreveu poesias religiosas relacionando-as com as contradições do eu, surrealismo e preocupações sociais. Esta matéria foi parte de um programa de reunião que Corujas - um cargo do movimento - davam para fadas - as bandeirantes crianças. As obras de Murilo Mendes apareceram como títulos indicados em alguns anúncios dos volumes analisados.

Uma modificação no ano de 1945 foi em relação às capas, que vieram com descrição no início da revista. Em alguns meses vieram fotografias de bandeirantes de outros países e na descrição isso era mencionado. No exemplar do mês de março a seção “Nos bastidores do *Bandeirantes*”, que constou apenas naquele mês, trouxe para o leitor informações de como o *Bandeirantes* era feito, descrevendo o “esqueletinho” da revista. Nesse artigo mostra-se a importância das fotografias para a revista e é mencionado o seu fotógrafo oficial, Carlos. Outra figura masculina é o impressor Waldemar Silva conhecido como “um grande propagador e amigo do *Bandeirantes*” (BANDEIRANTES, 1945, p.8) que conseguia muitas assinaturas por conta do seu bom trabalho.

Os exemplares dos anos de 1945 e 1946 continham mais páginas e uma diversidade maior de seções. É possível observar que no período analisado o *Bandeirantes* teve alterações: algumas colunas duraram apenas um ano, outras apareceram em um número apenas, permanecendo três colunas do ano de 1944 à 1947: Correspondência – Pergunte a Dona Sabichona, Jogos e Notícias da F.B.B (foi intitulada com esse nome a partir de novembro de 1946, mas as informações já apareciam anteriormente).

Na seção de correspondência, “D. Sabichona” - que não revelava seu nome real e o que era do movimento -, respondia cartas das leitoras e leitores. No exemplar de março de 1945, ela recebeu uma carta de insatisfação pela mudança de orientação do *Bandeirantes*. A carta assinada por Pó de *pirlimpinpin*, além de questionar a mudança, criticava os artigos sobre literatura, cinema, moda e artes por aparecerem na maioria das revistas brasileiras, e completou

Folheando os artigos encontramos “Sistema de Patrulhar”, “Finalidades de uma CIA de chefes”, “Vigília”, programas de reuniões, testes, noções variadas etc, etc, ao passo que no atual, a começar pela capa, nota-se a semelhança e quase imitação das revistas fúteis (BANDEIRANTES, 1945, p.50).

É notório o estranhamento e resistência a mudanças a partir da correspondência dessa pessoa que escreveu para D. Sabichona. Porém, a crítica cabe ao impresso e como escrito pelas próprias *bandeirantes*, é uma forma de lapidação e reconhecimento pelo fato de que as pessoas estão lendo. A resposta dada por D. Sabichona foi:

O “BANDEIRANTES” não mudou de orientação, apenas ampliou e metodizou a publicação de certos artigos de interesse geral, que anteriormente apareciam ao acaso [...] Apesar disso cremos que as seções *bandeirantes* podem ser ampliadas e aperfeiçoadas e agradecemos o seu aviso amigo de que correm o perigo de abafamento pelas seções de arte, literatura, etc. [...] Se observar com cuidado verá que os assuntos são abordados do ponto de vista *bandeirante* e não como o faria qualquer outra revista para adultos (BANDEIRANTES, 1945, p.50).

A carta de Pó de *pirlimpinpin* foi sendo lembrada nos meses seguintes. Em abril teve uma forma de complementação a partir de uma leitora que engrossou a crítica sobre a nova orientação do *Bandeirantes*. Porém, outras leitoras enviaram cartas elogiando o novo formato do

exemplar e elogiando a seção de D. Sabichona. Tendo em vista a proporção da crítica recebida em março, na edição de maio constou uma nota intitulada Pela Redação em que é informado que D. Sabichona pediu férias e que após esse acontecimento quis afastar-se da revista e algumas mudanças na redação estavam sendo feitas. Porém, ainda naquele mês a seção correspondência permaneceu com D. Sabichona respondendo suas leitoras.

A redatora de todos os números analisados na presente pesquisa foi a bandeirante chefe Maria de Lourdes Lima, conhecida como “chefe Lourdes”. Segundo Silva (2016, p.21) ela era professora e pedagoga e fundou também a Companhia do Sagrado Coração de Jesus, em Botafogo, bairro da cidade Rio de Janeiro.

Através dos artigos “Resolva as coisas democraticamente” e “Prepara-se para exercer com consciência o direito de votar” de abril de 1945, nota-se a relação da revista com a efervescência política da época. O primeiro artigo mencionado orientava que as questões que surgissem na reunião de patrulha deveriam ser debatidas por todas, mas para que acontecesse de forma organizada era necessário seguir um questionário que as bandeirantes responderiam individualmente e a monitora que estivesse à frente dessa reunião tivesse em mãos uma lista de justificativas aceitáveis e outra de não aceitáveis para a reflexão sobre as questões levantadas.

Para dizer ao leitor sobre votar com consciência, as informações baseiam-se na prática cristã, no ensinamento da Igreja sobre governo e poder, sendo mencionados Padre Leonel Franca e Leão XII, completando que

Ensina ainda a Igreja que os fiéis devem respeito e obediência à autoridade constituída. E que é precisamente pela participação na vida pública, seja votando conscientemente, seja ocupando cargos públicos, que devem todos contribuir para que o Governo seja justo e assegure verdadeiramente à nação o bem comum (BANDEIRANTES, 1945, p.71).

Nos números de junho e outubro de 1947 aparecem duas matérias relacionadas à política da época. No exemplar do mês de junho o título da seção é: “Na sua companhia existe democracia?”. São apresentadas três bandeirantes que dizem como é a companhia de cada uma. A primeira - Maria Lúcia - dizia que sua chefe decidia tudo, demonstrando um caráter mais autoritário. Helena, a segunda bandeirante apresentada, expressa que o entendimento é difícil porque as moças falam ao mesmo tempo e querem mandar. Com característica mais democrática, a terceira - Julieta - diz que em sua companhia tem reuniões de

conselho e que as bandeirantes são muito diferentes, porém, cada uma é responsável por algo e a chefe é compreensiva e ajuda à todas.

Há um quadro nessa seção que indaga à leitora qual é a companhia mais democrática e explica que esse teste pode ser feito individualmente na patrulha para a leitora saber se é ou não uma boa bandeirante. A democracia está relacionada ao comportamento da menina, se é ou não uma boa bandeirante para que a companhia se organize democraticamente. São vinte e cinco perguntas, cada uma equivale à número de pontuação diferentes. Ao final do teste deve ser somada a pontuação de acordo com o quadro que descreve quanto vale cada pergunta. O resultado está entre essas opções:

Entre 30 e 40 – “você é realmente uma boa bandeirante na sua companhia”

Entre 20 e 30 – “mais ou menos”

Entre 10 e 20 – “você se tornará um ponto morto na sua companhia”

Menos de 10 – “não posso imaginar com que fim você entrou para o bandeirantismo”

O teste continha algumas perguntas como: 2. Você já deu alguma boa ideia a companhia que fosse aceita; 22. Se você for escolhida para dirigir o jogo na patrulha você fará jogar também os mais fracos? Nessas perguntas e nas outras entre as 25, é possível relacionar a prática democrática existente ou não na patrulha, a partir da forma com que a bandeirante faz e exerce suas atividades e responsabilidades, assim sendo uma boa bandeirante para o êxito e melhor desenvolvimento de sua patrulha. A democracia na época estava sendo reimplantada, sendo assim destaque e característica valorizada pelo bandeirantismo.

O número de outubro de 1947 trazia o teste de civismo com perguntas a respeito da Constituição de 1946. O teste continha doze perguntas e todas estavam relacionadas à organização política do país. Em vários artigos dos exemplares analisados o civismo apareceu. No impresso de abril do ano de 1945 na seção “Notícias das Regiões”, o civismo é relacionado às viagens que as bandeirantes faziam: “Podemos dizer que as viagens pelo Brasil são de formação cívica intensa e importante pois nos fazem conhecer a terra brasileira” (BANDEIRANTES, 1945, p.92).

O exemplar de maio do ano de 1946 traz a seção “Divulgue essa ideia” que inicia o artigo com a frase “É uma necessidade urgente o trabalho de educação cívica de todos nós” (BANDEIRANTES, 1946, p.54). A orientação é para que as pessoas andem de maneira mais organizada porque a desordem nas ruas das grandes cidades brasileiras pode

ser motivo de espanto para os estrangeiros que têm hábitos de educação coletiva.

No mesmo ano, na primeira página do exemplar de outubro há um artigo intitulado *civismo* que objetiva o resgate do sentido de *civismo* fazendo uma crítica a *deturpação* que está ocorrendo tanto com o que é *civismo* quanto o que é *patriotismo*. Menciona-se os *discurseiros* de praça pública que apenas falam em ocasiões de inauguração de bustos, estátuas e pedras fundamentais, não praticando efetivamente a *devoção* pelo interesse público que é um dos aspectos defendidos do que integra o *civismo*. Faz-se a crítica e convoca as *bandeirantes* para a mudança:

É indispensável restaurarmos entre nós o verdadeiro sentido do *civismo*: *devoção* pela coisa pública: interesse real pela situação do povo. Não adianta dizer num discurso “*raça indomável de homens fortes*”, porque isto soa falso, sabemos muito bem que não somos nem *indomáveis* nem *fortes*, mas devemos nos querer tornar pelo menos um povo que tenha *saúde moral e física* (BANDEIRANTES, 1946).

Através dos artigos descritos sobre *civismo* fica evidente que havia no movimento *bandeirante* a *educação cívica*, sendo uma das vertentes seguidas no aspecto *educativo*. Não há como afirmar que existia um *método* e *conteúdos* propriamente ditos sobre *civismo*. Entretanto, os artigos traziam *informações* que podiam ser utilizadas para *formação* e *conhecimento cívico*.

Materialidade e estrutura do impresso

Foram observadas mudanças no projeto gráfico das capas ao longo dos anos. A partir da década de 1940, o impresso passou a ter *fotografias* nas capas, as quais eram *convites* para o ingresso no *bandeirantismo*, com destaque para a *alegria* das *bandeirantes*, como um *cartão* de boas vindas para a *iniciação* na vida *bandeirante*.

As *meninas* e *moças* que estampavam as capas nem sempre eram *bandeirantes* brasileiras. Foi possível observar que *bandeirantes* de outros países apareceram em algumas capas porque na primeira página das revistas nos anos de 1945 e 1946 constava uma *breve descrição* da *fotografia* e em alguns números que foi feita pelo *fotógrafo* Carlos. O padrão do *Bandeirantes* nos anos analisados era a *foto* em *preto e branco* e na parte superior uma *tarja vermelha* escrita “*Bandeirantes*” com o *mês* e *ano* de *referência* e o *valor* de Cr \$ 3,00.

Os *anúncios* de *início* e *fim* da revista se repetiam de acordo com os *volumes* analisados, porém foram sendo

suprimidos com o passar dos anos. Nos números analisados de 1944 havia muitos anúncios: Flamboyant Bombons Ltda; Casa Silva – papelaria, livraria e artigos religiosos; Carlos Will – broches bandeirantes; Casa Imperial – caramelos relíquia; Valery – água de colônia e anúncios da própria Federação para a venda de uniformes.

Em 1945 alguns anúncios permanecem e outros novos começam a integrar o impresso. A companhia aérea Panair do Brasil aparece desde o número de março seguindo nas páginas do Bandeirantes dos números analisados a partir desse ano. O símbolo e anúncios da Companhia aérea Panair do Brasil faziam alusão aos bandeirantes paulistas, assim como o nome bandeirantismo. Em alguns anúncios havia a comparação com os mesmos, porém esses homens iam para outros lugares sem saber se voltariam, com as bandeirantes era diferente porque viajando com a Panair do Brasil a viagem era um “até breve”.

Na matéria “Se alguém quiser saber”... (volume nº 187/ março de 1947) aparecem doze boas razões para que uma menina se torne bandeirante e uma delas também evidencia a participação em viagens: “3.^a O bandeirantismo alarga os horizontes da menina – porque como bandeirante ela terá oportunidade de conhecer outras moças de diversas regiões.”



Figura 3. Anúncio Companhia aérea Panair do Brasil
Fonte: Bandeiras, acervo das autoras, 2018.

O contato com a cultura e moda americana estava em destaque na época, refletindo também nas páginas do Bandeirantes. No exemplar de abril de 1945 há o anúncio de Moldes Simplicity instruindo as leitoras que ele era uma forma de confeccionar os próprios vestidos que as moças americanas adotaram e que as brasileiras poderiam

adquirir no local Exposição Carioca. O anúncio informava os valores para cada tipo de molde e na parte inferior da página havia a observação de que toda semana a loja recebia novos moldes dos Estados Unidos.

A quantidade de anúncios diminuiu consideravelmente no ano de 1946, permanecendo em todos os meses somente as propagandas da Panair do Brasil e da Livraria Agir. Há mais anúncios da própria F.B.B com o intuito de obter mais assinaturas da revista. Em um quadro no final do exemplar do mês de março consta o seguinte apelo: “Se cada pessoa que lê o “Bandeirantes” arranjar uma nova assinatura, estará resolvido o nosso problema financeiro.” (BANDEIRANTES, 1946, p.24). E nos outros meses consta concurso de assinaturas e um quadro intitulado de Todo membro da F.B.B possui cinco boas razões para assinar o “Bandeirantes”. A inserção de anúncios da própria federação foi uma forma de atrair mais leitoras e obter maior número de assinaturas.

Conforme mencionado, houve alterações no impresso entre os anos e 1944 e 1947. Dessa forma, para que possamos refletir acerca do bandeirantismo retratado no impresso e compreender a estrutura do mesmo no formato de revista, os artigos serão descritos. Serão analisadas algumas seções específicas, aquelas que permaneceram nos periódicos durante todos os anos analisados, ou seja, notícias, Correspondência – Pergunte a D. Sabichona e Jogos e Notícias da F.B.B.

O impresso no pós-guerra

Os exemplares analisados do ano de 1945 trazem informações relacionadas ao contexto político da época, tanto do Brasil quanto de outros países por conta do fim da Segunda Guerra Mundial. Continuando no volume do mês de março, no artigo Dia do Pensamento, o subtítulo é Apêlo em prol de nossas irmãs da Europa que traz o questionamento do que poderia ser feito para ajudar as bandeirantes dos países da Europa. São mencionadas as opções de contribuírem com dinheiro dentro da possibilidade, escreverem cartas e exercerem o trabalho de guias.

No exemplar do mês de abril de 1945 havia o artigo “Que faremos da paz?” que apresentava informações do pós-guerra para os países aliados. O foco da preocupação foram os males sociais após o período de guerras que refletiam nas crianças e jovens. É mencionado o que acontecia na Inglaterra, o alto gasto com a assistência à menores na América do Norte e os problemas da China neste contexto. Em relação ao Brasil é destacado que

O Brasil está procurando se aparelhar para arcar dignamente com as responsabilidades

tremendas que o progresso moderno e a crescente industrialização já estão acarretando. Todas as forças vivas da Nação devem mobilizar-se para prevenir os males sociais (BANDEIRANTES, 1945, p.59).

O artigo discorre sobre uma solução para os problemas apresentados diante do contexto de pós-guerra e apresenta ações sociais como uma possível saída, enfatizando o bem-estar da criança pequena a partir de atitudes e hábitos dos pais, a luta pelo aleitamento materno e alimentação saudável dos pequenos e a crença em Deus levada para as crianças através do ensinamento religioso. Sobretudo, praticar a caridade de alguma maneira que auxiliasse aquelas pessoas que necessitavam. Assinado por Maria Junqueira Schmidt, foi retirado de uma palestra do ano de 1944, é finalizado evidenciando a importância da mobilização geral naquele contexto, principalmente das bandeirantes.

Especificamente nos números do ano de 1945 foi possível observar a relação muito próxima do bandeirantismo com os movimentos dos países aliados no período da guerra. De acordo com a análise desse ano, foi possível observar a força do movimento na época de pós-guerra. O movimento que se originou na Inglaterra, estava presente em diversos países, sendo assim, acontecia efetivamente uma interação e contato das brasileiras com as moças dos outros países.

Em abril do ano de 1945, as publicações da revista continham informações da realidade do bandeirantismo, as atividades realizadas ou as que ainda viriam a ser, as viagens, notícias de bandeirantes locais e de outras regiões, recados de companhias, colunas específicas para cargos e posições definidas do movimento. Os leitores dessa revista na verdade eram quase em sua totalidade, leitoras, pois eram para as bandeirantes o direcionamento dos assuntos apresentados.

Pergunte a D. Sabichona: educação moral

Na coluna de D. Sabichona, meninas escreviam suas dúvidas. Sabichona não se identificava por outro nome. Possivelmente era alguma chefe bandeirante mais antiga que usava esse codinome fazendo alusão à sabedoria, para que as leitoras se sentissem mais à vontade na hora de escrever, não sabendo a quem exatamente estava recorrendo, mas sabia que teriam uma resposta às suas dúvidas e talvez a solução para os problemas.

Nos volumes dos meses de agosto e setembro de 1947, duas leitoras não escreveram apenas dúvidas, mas certo desabafo sobre o desafio de seguir tudo o que o bandeirantismo esperava de cada uma. A leitora Regina

escreveu: “Como vê, Sabichona, sou quase um modelo. Mas que modelo falso! Por dentro não tem nem um pinguinho disso que chamam espírito bandeirante: o código, a promessa, o lema, nada significa para mim.” (BANDEIRANTES, 1947, p. 143).

A leitora Leonor também compartilhou de uma angústia semelhante:

Fui eleita monitora porque (modéstia à parte) era a que melhor cumpria os deveres de bandeirante (isto é, deveres materiais) mas os deveres morais tenho consciência de que não cumpro como deviam ser cumpridos. De noite e de manhã esqueço-me de rezar. Respondo demais minha mãe, colo nas sabatinas, etc. A senhora pensará naturalmente: - Se você sabe seus defeitos porque não os corrige? Aí é que está meu problema. É difícil para mim rezar com fervor na Missa. Poucas vezes me contenho quando estou irritada, respondendo até para minha mãe e meu pai (BANDEIRANTES, 1947, p. 167).

Os relatos dessas meninas mostram que seguir as regras e viver plenamente como uma bandeirante não era tão simples. Esse sentimento devia ser compartilhado por tantas outras meninas, havia muitas jovens, que naturalmente nessa idade não tem muitas certezas na vida. O que chama a atenção é o fato de que as meninas bandeirantes deveriam sempre manter a serenidade, não desviando de um comportamento ideal de bandeirante. Como exposto no número 5 do Código das Bandeirantes: “A Bandeirante é cortês e delicada” e no número 10 “A bandeirante é pura em pensamentos, palavras e ações.”

A figura D. Sabichona parecia ser representativa para as leitoras porque era um espaço que elas dispunham para desabafar, pedir conselhos, opinar e tirar dúvidas relacionadas ao bandeirantismo. É curioso pensar que a identidade de D. Sabichona não tenha sido revelada em nenhum número, podendo ser pensado se essa figura era realmente uma mulher, tendo em vista que havia homens que assinavam alguns artigos.

A partir do estudo das cartas enviadas a seção Correspondência- Pergunte a D. Sabichona, é possível concluir que sim, havia vozes dissonantes no movimento bandeirante no Brasil. As angústias e questionamentos das leitoras evidenciam que o entendimento dos valores bandeirantes não eram os mesmos para todas. Também é possível afirmar, pelo teor das cartas escolhidas para serem publicadas, e pelo tom conservador das respostas dadas por D. Sabichona que esta figura representava os interesses e

preocupações do bandeirantismo no Brasil, fortemente ligado a Igreja Católica em sua gênese e difusão no Brasil.

D. Sabichona defendia com veemência e convicção que sim, a mulher tinha um lugar: submissão e aceitação em relação ao homem. A voz de D. Sabichona representava o conservadorismo, a defesa de um lugar de subordinação em relação ao homem, defendia a integridade da família, da Igreja católica, e procurava conter o avanço do feminismo no Brasil.

O caráter recreativo: jogos e entretenimentos

Esta coluna trazia diferentes jogos listados para serem mediados pelas bandeirantes. Por vezes eram especificados para qual grupo deveria ser direcionado: Fadas (meninas de 6 a 10 anos), Bandeirantes (meninas e moças de 11 a 15 anos) e Guias (moças de 16 anos em diante).

Nos números analisados, apenas em alguns aparecia a referência dos jogos, de onde os mesmos foram retirados. O impresso de abril do ano de 1947 traz os jogos intitulados de “Educação dos sentidos” e relaciona os sentidos com uma atividade. Ao fim da lista aparece a referência: Do “Guia Escoteiro”, de Velho Lobo (BANDEIRANTES, 1947, p.39).

É possível pensar na perspectiva educativa do *Bandeirantes* a partir de alguns artigos, mas, especialmente esta seção de jogos porque através da leitura destes foi perceptível o caráter formativo dos mesmos para a vivência bandeirante. O bandeirantismo formava meninas, moças e mulheres através de uma educação bandeirante, cabendo destacar os jogos como parte integrante dessa formação através do periódico.

Valorizavam o movimento e havia muitas atividades nas viagens e acampamentos, tendo momentos de interações e de aprendizado da prática escoteira. Os jogos adequavam-se tanto para atividades de “quebra-gelo” entre as patrulhas, quanto para a prática do bandeirantismo, ensinando ou auxiliando no desenvolvimento das bandeirantes, como mencionado nos jogos Educação para os sentidos.

Notícias da F.B.B: um caráter propagandístico

A seção Notícias da Federação Bandeirantes do Brasil era totalmente informativa, nela apareciam notícias dos grupos de outras cidades brasileiras, além da própria cidade do Rio de Janeiro, onde circulavam os periódicos analisados. Havia o informe da última reunião de conselho central ocorrida que continha o local, data, hora, oração, leitura, ata e em alguns exemplares havia também a lista dos presentes.

Algumas seções apresentavam relatórios das comissões que eram enumerados por I – Finanças, II – Internacional, III – Programa, IV – Publicações, V – Publicidade, VI - SÉDE, VII – Social. A partir de alguns desses relatórios, no impresso de julho de 1947 aparece um quadro com a quantidade de bandeirantes de cada estado brasileiro em que o movimento estava presente, totalizando a quantidade de bandeirantes brasileiras.

ESTADOS	Fadas	Bandeirantes	Guias	Chefes	TOTAIS
RIO - D. F.	67	219	139	84	509
BAHIA	81	102	39	37	269
PARÁ	21	82	21	18	142
E. DO RIO	16	32	12	4	64
S. PAULO	18	129	10	32	189
B. HORIZONTE	16	5	18	16	55
P. ALEGRE	—	—	14	2	16
MACAPÁ	8	27	—	1	36
TOTAL	227	606	253	194	1218

O Distrito de Fortaleza não enviou relatório ao C. C.
Os Distritos de Santos e Petrópolis não enviaram relatórios ao Conselho de Região.

Figura 4

Fonte: Bandeirantes, 1947, p. 30

Considerações finais

O impresso *Bandeirantes* possuía diferentes estratégias de ação. Procurava *educar*, de forma recreativa, por meio de jogos e tarefas consideradas leves e divertidas. Mas também procurava difundir os valores do movimento bandeirante, por meio da divulgação de notícias e outros êxitos do movimento no Brasil e no mundo.

As mudanças no cenário político brasileiro destacaram a educação cívica e os debates sobre democracia, levando para as páginas do impresso as questões relacionadas a estes assuntos. Nas seções de Jogos e de Correspondência, é perceptível notar as dimensões educativas, recreativas e propagandísticas.

Portanto, o objetivo do impresso era a expansão do movimento e educar efetivamente as meninas e moças para serem e permanecerem bandeirantes.

A vertente brasileira do Movimento Bandeirante, que é internacional, apresentou especificidades próprias, sobretudo na intensa articulação das mulheres e no apoio da Igreja Católica. Além disso, o Movimento Bandeirante no Brasil contou com importantes lideranças femininas, mulheres que atuavam como mediadoras no debate político e educacional. A educação integral da menina estava no centro das discussões promovidas também pelas mulheres.

Tal impresso, ainda pouco explorado no campo da História da Educação Brasileiro, é um rico objeto, pois permite a análise de práticas de uma educação não-formal, voltadas diretamente para as meninas.

Por fim, defende-se a relevância do impresso *Bandeirantes* para o fortalecimento do bandeirantismo, sobretudo sendo um objeto de pesquisa ainda pouco explorado na História da Educação Brasileira, abrindo muitas possibilidades de abordagens e temas de investigação.

Referências

BADEN-POWELL, Robert. **Lições da escola da vida: Autobiografia de Robert Baden-Powell Fundador do Escotismo.** Lessons From The Varsity Of Life. 2. ed. Inglaterra: Luiz Cesar de Simas Hora, 308 p. União dos Escoteiros do Brasil, 2009.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, 1932. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 163, ago. 1944. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 164, set. 1944. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 165, out. 1944. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 166, nov-dez. 1944.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 167, mar. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 168, abr. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 169, mai. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 170, jun. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 171, jul. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 172, ago. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 173 set. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 174, out. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 175-176, nov-dez. 1945. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 177, mar. 1946.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 178, abr. 1946.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 179, mai. 1946. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 180, jun. 1946. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 181, jul. 1946. Mensal

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 182, ago. 1946. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 183, set. 1946. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 184, out. 1946. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 185, nov. 1946. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 186, dez. 1946. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 187, mar. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 188, abr. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 189, mai. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 190, jun. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 191, jul. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 192, ago. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 193, set. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 194, out. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 195, nov. 1947. Mensal.

BANDEIRANTES. Rio de Janeiro: Federação das Bandeirantes do Brasil, v. 196, dez. 1947. Mensal.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Escritas estudantis em periódicos escolares. **Hist. Educ.** [online]. 2013, vol.17, n.40, p. 7-10. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/issue/view/2040/showToc>

BASTOS, Maria Helena Camara. Impressos e cultura escolar: percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil. In: HERNANDEZ DÍAZ, José María. **La prensa pedagógica de los escolares y estudiantes.** Su contribución al patrimonio histórico educativo. Salamanca/ES: Ediciones Universidad de Salamanca., 2015, v. 1, p. 21-43.

CARVALHO, Kátia de. A imprensa feminina no Rio de Janeiro, ano 20: um sistema de informação cultural. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.1-11, 1995.

CARVALHO, Samara dos Santos. **A Federação das Bandeirantes no limiar dos anos sessenta: uma proposta de emancipação da mulher?** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2013.

_____. **O Movimento Bandeirante e as relações de gênero no contexto social brasileiro do século XX.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014.

CATANI, Denice. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, 10, pp. 115-130, jul/dez.1996.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. Apresentação. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS; Maria Helena Câmara (orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação.** São Paulo: Escrituras, 1997, p. 5-10.

CHRISTIAN, Catherine. **The big test: the story of the girl guides in the World War.** Girl Guides Association, 1947.

COELHO, Caio Fernando Flores. **A dádiva de si**: estudo etnográfico sobre movimento escoteiro. Porto Alegre: dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

FEDERAÇÃO DE BANDEIRANTES DO BRASIL (Brasil) (Org.). **Chama Acesa**: O livro do Bandeirante. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Ltda., 2008. 404 p.

FLORINDO, Caroline Wenzel. **Movimento bandeirante e desenvolvimento moral**: Uma relação possível? TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho - Campus de Rio Claro, Rio Claro, 2011.

GONDRA, José. O veículo de circulação da pedagogia oficial da República: a revista pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 78, n.188/189/19, p. 374-395, 1997.

_____. Soldados da instrução? A emergência da imprensa pedagógica na capital do Brasil (1877-1878). **Revista Mexicana de Historia de la Educación**, v. III, p. 97-117, 2015.

HERNANDEZ DIAZ, José María. Excursionismo, escultismo y educación social. Los Exploradores Bejaranos (1927-1932), **Estudios Bejaranos**, 15, 2011^a, p. 83-97.

HERNANDEZ DIAZ, José María (Ed.): Escultismo, regeneracionismo educación de la ciudadanía en España (1912-1936), en HERNANDEZ DIAZ, José María (Ed.): **Influencias inglesas en la educación española e iberoamericana (1810-2010)**, Salamanca, Hergar Ediciones Antema, 2011 b, 43-62.

MOTTA, Maria Inez F. **Bandeirantismo no Brasil**: um estudo de caso sobre mulher e modernidade. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) –Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

NASCIMENTO, Amailson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 7, p. 43-74, 2004.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell**: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

ORLANDO, Evelyn; SILVA, Alexandra Lima da. *Semper Parata*: catolicismo e bandeirantismo no Brasil. **Rev.**

Diálogo Educ., Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1501-1517, out./dez. 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.7213/1981-416X.19.063.DS09>

SILVA, Alexandra Lima da. Lado a lado: Marcas católicas do bandeirantismo no Brasil. **Revista História da Educação**, Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, v. 21, n. 52, p.21-39, 2017.

SILVA, Alexandra Lima da; BRITO, Daiane Alves de. Em correspondência: vozes femininas na revista Bandeirantes. In: MIGNOT, Ana Chrystina (Org.). **a ilusão do leitor: cartas, imprensa e educação**. Curitiba: Crv, 2018. p. 121-141.

SOUZA, Max Eduardo. **Pensamento social conservador na modernidade brasileira contemporânea: estudo de caso sobre o Movimento Escoteiro**. São Paulo: dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 2010.

TEIXEIRA, Giselle. **A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro: os jornais e as revistas como agentes construtores da escola (1870 - 1919)**. Niterói, Tese (Doutorado em Educação), UFF, 2016.

THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extra-escolar. **Revista HISTEDBROnline**, Campinas, n. 23, p. 171-194, 2006. Disponível em: https://escoteiros.org.br/arquivos/trabalhos_academicos/movimento_escoteiro_projeto_educativo_extra_escolar.pdf. Acesso em: 10 jul. 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. O Tico-Tico e a expansão do escotismo no Brasil. In: VERGUEIRO, W; SANTOS, R. E. dos. (Org.). **O Tico-Tico: 100 anos da primeira revista de quadrinhos brasileira**. São Paulo: Opera Graphica, 2005. v. 1, p. 181-184.

ZUQUIM, Judith; CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo. (1914-1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 35, p. 43-58, 2002.

Recebido em: 18-02-2019
Aprovado em: 03-04-2020
Publicado em: 22-05-2020